

OS CADERNOS DE *IMPRESSIONS D'AFRIQUE*¹

A CONTRIBUIÇÃO DA CODICOLOGIA AO ESTUDO GENÉTICO

CLAIRE BUSTARRET
ANNE-MARIE BASSET
ITEM - CNRS

TRADUÇÃO:

DENILSON SOARES CORDEIRO
EQUIPE MÁRIO DE ANDRADE - IEB/USP

O manuscrito literário moderno, apesar da aparente banalidade dos suportes que o distingue dos antigos *codex*, exige frequentemente um minucioso exame codicológico antes de dar ensejo às hipóteses fundadoras de um estudo genético². Para Roussel, como para um bom número de seus contemporâneos, o que de mais banal, com efeito, que o uso de cadernos escolares para redigir um romance? De fabricação industrial, este barato suporte

1. Este artigo foi originalmente publicado na Revista *Genesis: manuscrits, recherche, invention*. No número 5 de 1994.

2. Disciplina estabelecida no quadro dos estudos medievais (ver J. Lemaire, *Introduction à la codicologie*. Louvain-la-Neuve, 1989), a codicologia examina os manuscritos do ponto de vista das técnicas de fabricação e das características materiais (ver D. Muzerelle, *Vocabulaire codicologique*. Paris, 1985, e C. Bozzolo e E. Ornato, *Pour une histoire du livre au Moyen Age: trois essais de codicologie quantitative*. 2^a ed., Paris, 1983). Sua aplicação aos manuscritos modernos requer uma importante adaptação metodológica (ver Louis Hay, "Éléments pour l'étude des manuscrits moderne", *Codicologica* 1, 1976, p. 91-108 e o *Standard descriptif pour manuscrits modernes*, elaborado pelo ITEM — Institut de Textes et Manuscrits Modernes — em 1985).

da escrita doméstica foi, no começo do século XX, um artigo de consumo corrente. O que pode então revelar o estudo codicológico das centenas de páginas que trazem os traços da redação de *Impressions d'Afrique*?

Desde 1991, quando um vasto conjunto de manuscritos passou a estar à disposição dos pesquisadores, a obra de Roussel pôde enfim se prestar a uma análise material prévia a um estudo genético. Annie Angremy, que bem conduziu a ordenação dos documentos de Raymond Roussel, descreveu o estado no qual eles chegaram à Biblioteca Nacional³. Os autógrafos e os datiloscritos de *Impressions d'Afrique* foram classificados antes de serem encadernados. Somente os cadernos de provas, que se apresentavam sob a forma de pacotes atados, foram encadernados tal como foram encontrados. Graças a esse trabalho de fôlego, que tornou legível uma massa outrora inextrincável de papéis, temos, atualmente, acesso a um ordenado dossiê genético.

Não trataremos aqui senão de uma parte deste *corpus*: os manuscritos em autógrafo. Do ponto de vista material, as 915 folhas do caderno escolar encadernados em 3 volumes, aos quais se soma um caderno isolado, representam o conjunto de maior complexidade. Nós nos perguntamos se a observação sistemática e a descrição detalhada dos documentos não poderiam fornecer indícios para compreender os traços distintivos de uma prática singular de escrita. Nosso percurso resulta de dois olhares complementares, um focalizado sobre o texto e outro sobre o suporte. A fim de seguir uma lógica material rigorosa, e evitar toda interpretação teleológica, a descrição foi estabelecida, em um primeiro momento, folha por folha, sem levar em conta o conteúdo textual. Ainda foi preciso isolar os aspectos materiais pertinentes, susceptíveis de constituir indícios exploráveis. A identificação dos diferentes tipos de papéis empregados por Roussel forneceu, veremos, um quadro sinóptico do dossiê genético, que em correlação aos indícios gráficos (instrumentos, traçados, su-

3. "La malle de Roussel. Du bric-à-brac au décryptage", *Revue de la Bibliothèque nationale*, nº 43, 1992, p. 36-49.

pressões, interlinhas, paginações, símbolos de remissão) se prestou às mais proveitosas verificações textuais.

A análise codicológica permitiu, no presente caso, discernir uma primeira versão constituída por cinco seqüências de textos contínuos, que as múltiplas etapas ulteriores da gênese mascaram à primeira leitura. Em um processo de criação que vai de curtas seqüências a um estado narrativo coerente, nossa reconstituição forneceu um "instantâneo" de uma fase da gênese, tomada no momento crítico em que os elementos textuais esparsos começaram a formar um todo.

Dentre os indícios do trabalho de escrita, que exibem os manuscritos, nenhum é tão perceptível quanto a rasura. Os gestos (premeditados ou compulsivos) tais como rasgar, cortar, dobrar, colar ou voltar a uma folha de papel participam igualmente do processo de produção do texto, mas permanecem difíceis de interpretar. A freqüência e a periodicidade de tais fenômenos, imperceptíveis à primeira vista, não devem então ser negligenciados. Acontece, às vezes, e felizmente, é o caso das *Impressions d'Afrique*, que os resultados provenientes de uma observação metódica trazem algumas inesperadas pistas ao estudo genético.

Examinemos, então, mais de perto os volumes:

OS MANUSCRITOS DE *IMPRESSIONS* D'AFRIQUE: UM CONJUNTO COMPOSTO

O *corpus* genético se compõe de manuscritos em autógrafo, quatro jogos de datiloscritos e de três jogos de provas⁴. Só os manuscritos em autógrafo são considerados neste estudo. Colocados à parte em um caderno de 16 páginas que possui um estatu-

4. Indicamos aqui as cotas provisórias dos manuscritos de *Impressions d'Afrique* comunicadas por A. Angremy. Cadernos de esboços: Roussel 23, 16 fólhos. Primeiras vers'es fragmentárias: Roussel 24, 177 fólhos. Autógrafo I: Roussel 25, 339 fólhos. Autógrafo II: Roussel 26, 399 fólhos. Primeiros datiloscritos fragmentários, 2 exemplares: Roussel 27 e 28, 347 e 346 fólhos. Datiloscritos incompletos da primeira parte do romance, datiloscrito corrigido da segunda parte do romance: Roussel 29 e 30, 219 e 187 fólhos. Um jogo de segundas provas, dois jogos de terceiras provas: Roussel 31, 32, 33. Estes manuscritos podem ser consultados através de microfilmes.

to material particular⁵, eles representam ao todo 915 folhas. Distingue-se, à primeira vista, diferentes formatos que variam de 209 x 166 mm, para o menor, até 225 x 175 mm, para o maior (ver adiante lista dos papéis). Similares pela sua espessura, e pela qualidade mediana do papel, estas folhas destacadas, hoje encadernadas pelos cuidados da Biblioteca Nacional, provêm todas de cadernos escolares, à exceção de um papel mais espesso, trecho de um registro de contabilidade comercial.

Damos aqui algumas indicações sobre o estatuto genético destas folhas, a fim de informar o leitor, na ausência dos próprios objetos, a lógica que presidiu a sua classificação. O caderno escolar de 16 folhas grafadas oferece, em primeiro lugar, um inédito de seis páginas, narrativa da infância de Claude Givandan-Carmichaël⁶. As 10 folhas seguintes (7 a 11, 12 a 16) são consagradas, respectivamente, à redação do *incipit* dos capítulos I e X do romance.

Dentre os três volumes manuscritos, dois volumes intitulados: "Manuscrito em autógrafo I e II" [*Manuscript autographe I et II*] (de agora em diante abreviados por "MI" e "MII") apresentam uma versão completa do romance, reconstituída por Annie Angremy. O volume I reagrupa os capítulos I a IX; o volume II, os capítulos X a XXVI. Estes dois manuscritos foram classificados segundo as diversas paginações⁷, e pela referência aos datiloscritos⁸. Ao fim das múltiplas campanhas de escrita, certas folhas

5. Este caderno é o único deste *corpus* que não foi desmembrado por Roussel e cuja capa original foi preservada.

6. É, de algum modo, um prólogo ao romance, para o qual remete por um efeito de aprofundamento do manuscrito fictício de Romeu e Julieta citado no capítulo XIII de *Impressions d'Afrique*. "Certos episódios do trecho final encontravam sua explicação em um prólogo demasiadamente desenvolvido, que compreendia dois quadros consagrados à infância de Romeu e Julieta, ainda estranhos um para o outro". *Impressions d'Afrique*, Pauvert, 1985, p. 214.

7. Os volumes I e II comportam várias paginações originais. Restará determinar se todas elas foram efetuadas. O que quer que tenha ocorrido, a ordem atual restitui certamente um agenciamento desejado pelo próprio autor no transcórrer do trabalho, como testemunham aqui e acolá as marcas de tinta no verso, provocados pela superposição de folhas recém corrigidas.

8. Datiloscritos incompletos da primeira parte do romance. Datiloscritos corrigidos da segunda parte do romance: Roussel 29 e 30.

apresentam o texto definitivo — salvo a pontuação que será revista sobre as provas —, outras estão inacabadas.

O terceiro volume manuscrito, intitulado pela B. N. Primeiras versões fragmentárias [*Premières versions fragmentaires*] (de agora em diante “PVF”), reagrupa 177 folhas que apresentam conjuntos de textos heterogêneos: tratam-se de documentos correspondentes ao início da gênese de *Impressions d'Afrique*, ou contemporâneos da versão inédita que apresentamos, ou ainda largamente posteriores a esta versão.

Assim, as folhas de 1 a 70 apresentam curtas seqüências em parte inéditas, escritas de uma só vez e pouco corrigidas⁹. A mais longa, primeiro estado da batalha do *Gambrino-Tez*, estende-se em 13 folhas (fólios 23-35). Estes textos formam micronarrativas que comportam um começo e um fim, porém não ligados entre si.

As folhas 160 e 161, escritas por outra pessoa¹⁰, correspondem ao fim do capítulo XIV das *Impressions d'Afrique*¹¹.

Este volume contém também um esboço de poema (folhas 162-165), que foi encontrado entre os manuscritos das *Impressions d'Afrique*. As folhas 166 a 172, 173 a 177, que constituem o fim deste volume, são cópias em carbono de textos em autógrafo correspondendo, respectivamente, aos fólios 175 a 181 de MI, e 245 a 249 de MII.

Quanto às 89 folhas restantes, elas possuem um estatuto específico. Dentre elas, 17 folhas (folhas 73 a 89), são uma reescritura dos fólios 1 a 5, largamente desenvolvidos e abundantemente retrabalhados. Este conjunto materialmente delimitado corresponde à seqüência I, cuja referência apresentamos (ver quadro abaixo). Aparecem em seguida 72 folhas que apresentam textos inéditos deixados de lado no curso da gênese. As folhas 71, 72 e 90 a 159 são fragmentos que Roussel retoma nos datiloscritos prepa-

9. Ver A. Angreniy, artigo citado, p. 41.

10. Uma pesquisa que fosse realizada no arquivo Roussel, sobre o acervo em seu conjunto, permitiria determinar se foram escritos por um dos secretários de Raymond Roussel ou por sua mãe, Marguerite Roussel.

11. *Impressions d'Afrique*, p. 236-7, como o indica a descrição de A. Angreniy.

ratórios¹², aí incluindo longas passagens. Porém, antes de serem datilografadas, elas aparecem em um estado manuscrito já coerente, que compete ao presente estudo destacar das reescrituras superpostas ou intercaladas, e redigidas sobre diferentes tipos de papel.

Uma vez recolocados no seu contexto inicial, estes fragmentos se integram às seqüências 2, 3, 4, 5, cuja composição apresentamos mais adiante (ver quadro). Ora, as folhas que, juntas aos fragmentos, permitem restabelecer um texto contínuo estão hoje encadernadas em MI e MII, pois foram conservadas por Roussel para a elaboração do texto definitivo. Um esquema permitirá visualizar estas relações entre os fragmentos encadernados em PVF e as folhas encadernadas em MI e MII (ver quadro).

Uma descrição sistemática dos documentos nos permitiu, notadamente, restituir estas passagens rejeitadas. Além de variações de formatos (notáveis sobretudo pelos tipos IV e IX), os principais indícios permitem distinguir com clareza as folhas destacadas de um mesmo caderno, ainda que tenham sido recortadas e repostas por colagem, são os seguintes: O aspecto *vélin* (tipos IV e VI) ou *vergé* (tipos I, II, III, V, VII, VIII, IX), as filigranas (tipos I, II, VII e VIII), e a presença na frente e no verso de uma pauta horizontal impressa (de cor azul ou cinza), geralmente associada a uma margem vertical (vermelha mais ou menos intensa). Reconhecemos assim nove "tipos" de papel, dos quais damos aqui uma sumária descrição¹³. (ver quadro 2).

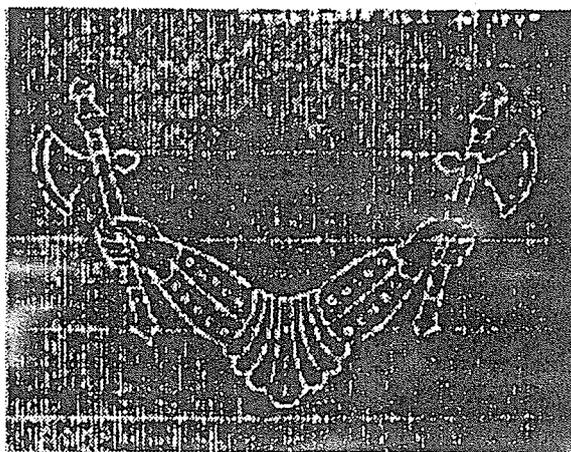
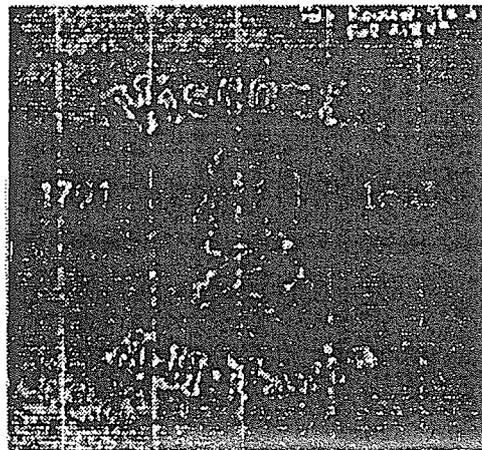
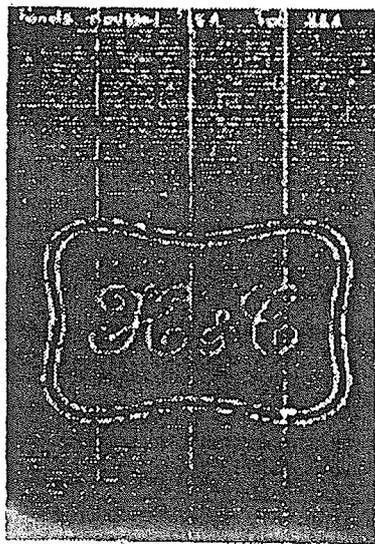
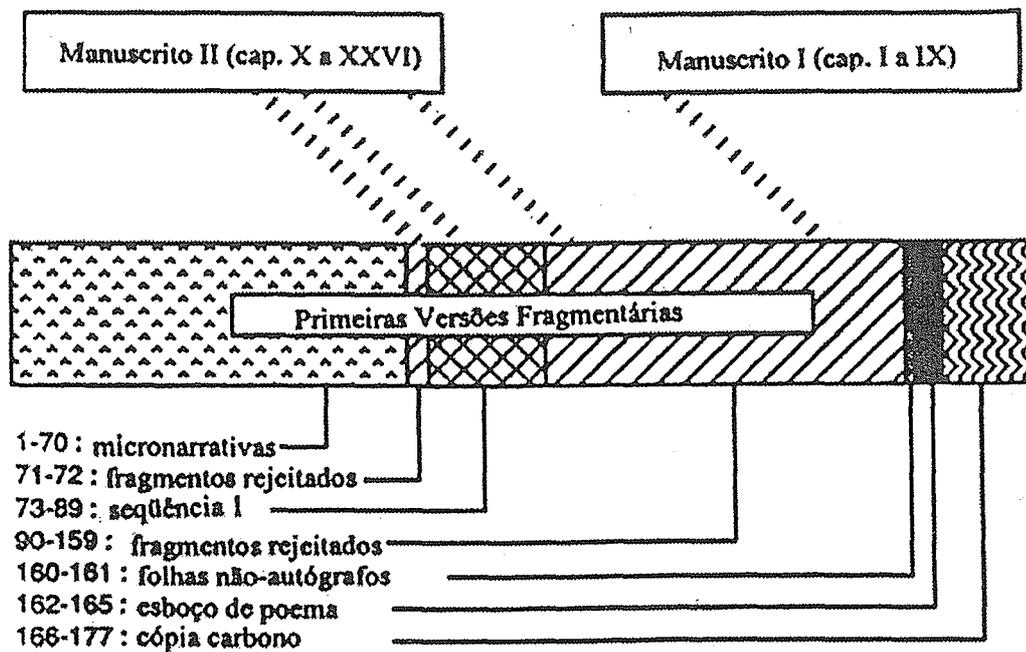
Um caderno de fabricação industrial sendo constituído por um único tipo de papel; Raymond Roussel utilizou então pelo menos 7 ou 8 cadernos escolares diferentes. Não podemos determinar o número exato, mas o uso de uma grande quantidade de folhas do mesmo tipo implica no emprego de vários cadernos similares.

Salientamos sistematicamente as ocorrências destes diversos tipos de papel em cada um dos três volumes examinados (que

12. A. Angremy, que localizou estas correspondências, traz no verso destas folhas as referências aos datiloscritos preparatórios, que bem orientam o pesquisador.

13. A descrição completa que estabelecemos (que comporta a lista das ocorrências de cada tipo de papel nos três volumes) não pode figurar integralmente no quadro deste artigo.

1. Esquema representando as relações entre os três volumes estudados



Filigra do tipo I: R. Roussel, *Impressions d'Afrique*, autógrafo I, fólho 221, frente, clichê por transparência. Biblioteca Nacional.

Filigra do tipo VII: R. Roussel. *Impressions d'Afrique*, autógrafo I, fólho 218, clichê por transparência. Biblioteca Nacional.

Filigra do tipo VIII: R. Roussel, *Impressions d'Afrique*, autógrafo I, fólho 17, clichê por transparência. Biblioteca Nacional.

representamos aqui globalmente, sem levar em conta, por falta de espaço, a sucessão dos diferentes tipos em cada volume) (ver quadro 3). Começamos nosso estudo pelas PVF, o volume que mais comportava textos inéditos. Também a numeração dos tipos de papel que adotamos é relativa à sua ordem de aparição nesse manuscrito.

A ênfase exaustiva das ocorrências revela um ritmo de alternância dos tipos de papel extremamente rápido. Porém, considera-se também uma coerência no emprego dos papéis. A correlação entre conteúdo textual, esses indícios materiais, e as paginações originais nos permitiu reconstituir uma verdadeira narrativa, formada por cinco longas seqüências de texto.

O exame codicológico aqui não tem por fim, como para outros *corpus* manuscritos, situar no tempo certos textos, dos quais se ignorava o período de redação¹⁴, assinalar diversas proveniências graças à identificação das filigranas, comparar fragmentos em autógrafo conservados em diferentes lugares, ou distinguir a mão de vários copistas — e menos ainda de estabelecer o inventário exaustivo dos suportes e dos instrumentos de escrita empregados pelo escritor¹⁵. A análise material destes manuscritos rousselianos — um *corpus* relativamente homogêneo quanto às dimensões e à quantidade dos papéis — põe em pauta um problema mais sutil: a questão central não é a de saber *quais* papéis foram utilizados, nem *quando* foram empregados, mas *como* ...

2. LISTA DE PAPÉIS:

I: *vergé*, filigrana "H&C" em um quadro, pauta cinza, margem vermelha (dimensões da folha: 224 x 174 mm): ver fig. 1.

14. Ver o exemplo dos manuscritos de Winckelmann tratados por M. Bockelkamp em "Wasserzeichen in neueren Handschriften", *Editto*, 4, 1990. Aqui o período de redação do romance de Roussel pode ser situado entre 1907 e 1909.

15. Ver notadamente: M. Bockelkamp, "L'analyse bétaradiographique du papier appliquée aux manuscrits de Diderot", *Studies on Voltaire and the XVIIIth century*, nº 254, 1988, p.139-173; L. Hay, "Le manuscrit: langage de l'objet", *Bulletin de la Bibliothèque nationale*, nº 2, juin 1978, p. 77-84; assim como o volume coletivo sob a direção de S. Spector: *Essay in paper analysis*. Washington, Folger Books, 1987.

II: *vergé*, filigrana "H&C"¹⁶, pauta quadriculada, borda pontilhada (224 x 174 mm).

III: *vergé*, sem filigrana, pauta cinza, margem vermelho intenso (222 x 170 mm).

IV: *vélin*, sem filigrana, pauta azul clara, sem margem (209 x 166 mm).

V: *vergé* espesso, sem filigrana, pauta bicolor de múltiplas colunas (trecho de um registro de contabilidade) (220 x 171 mm).

VI: *vélin*, sem filigrana, pauta azul, margem vermelha (222 x 171 mm).

VII: *vergé*, filigrana "Visconti/ A.H. Paris"¹⁷, pauta azul acinzentado, margem vermelha (222 x 173 mm): ver fig. 2.

VIII: *vergé*, filigrana: "braços armados com machado"¹⁸, pauta cinza, sem margem (224 x 173 mm): ver fig. 3.

IX: *vergé*, sem filigrana, pauta cinza, sem margem (225 x 175 mm).

ENTRE O CADERNO E A FOLHA AVULSA, UM USO PARADOXAL DO SUPORTE DA ESCRITA.

Ainda que os manuscritos das *Impressions d'Afrique* se apresentem atualmente como folhas avulsas encadenadas pelos cuidados da B.N., estas, originalmente, provêm de cadernos escola-

16. As características materiais do fólio 2 de PVF fazem dele um caso à parte. Mas a filigrana (*iniciats "H&C" em um quadro retangular com bordas sinuosas de duplo traço*), e a borda marcada com um pontilhado permitem supor que esta folha isolada é uma página destacada de um caderno de tipo I, cuja pauta quadriculada devia servir para orientar o aprendizado da escrita.

17. Uma descrição mais completa da filigrana seria: "*Busto de homem de perfil, ladeado pelas datas '1791' e '1853', com o nome 'Visconti' sobrescrito, em arco de círculo ascendente, e com 'A.H. Paris' em arco de círculo descendente*", posicionado entre sete linhas de pequenas correntes; trata-se de uma filigrana repetida em toda a superfície do papel (com os motivos distantes, horizontalmente, 130 mm de cada um).

18. Descrição completa: "*Dois antebraços unidos pelo cotovelo, vestidos com uma armadura e empunhando cada um um machado*"; filigrana repetitiva, como as precedentes, aqui os motivos distam horizontalmente 43 mm.

res. As marcas de grampos ou de costura mostram que os cadernos escolares foram desmembrados por Roussel. Notamos que geralmente só usava um lado das folhas¹⁹.

Aliás, uma simples leitura dos três volumes manuscritos permite, se observarmos atentamente o suporte, notar um fenômeno singular: percebe-se que no caso de seqüências contínuas, escritas sobre um papel idêntico, a margem se encontra ora à direita, ora à esquerda da página. Esta alternância é freqüentemente muito regular; vem em unidades sucessivas, como em PVF (folhas 29 a 35), em que a margem está alternativamente do lado direito e do lado esquerdo da página, ou sobre folhas duplas (MI, folhas 133-134/ 135-136/ 137-138; MII, folhas 112 a 133: ver figura 4 e 5).

Como explicar esta alternância de margens nas folhas provenientes dos cadernos? Lembremos que, sobre esse suporte de escrita, a margem se situa invariavelmente sobre o lado esquerdo de cada página, a menos que se usasse o caderno ao contrário, o que a faria ser encontrada sempre do lado direito. Observando mais de perto a alternância das margens de uma folha à outra, somos levados a constatar que as folhas duplas do caderno foram destacadas na dobra — uma por uma ou duas por duas — a(s) primeira(s) metade(s) estando escrita(s) na frente, a(s) segunda(s) no verso.

Uma curiosidade biográfica permite conferir uma grande probabilidade à hipótese de cortes sucessivos. Em *Document sur Raymond Roussel*, Charlotte Dufrené dá testemunho de um hábito de leitura particular deste escritor:

Quando viajava de carro, lia sem se preocupar com a paisagem; não levava o livro inteiro, mas páginas arrancadas que colocava nos bolsos, ele detestava que soubessem o que estava lendo²⁰.

19. Só as folhas 66 e 176 de MI trazem algumas palavras no verso. Na descrição que segue, entendemos "frente" e "verso" em relação à posição inicial das folhas encadernadas, e não em referência ao seu estado atual, após o uso.

20. LEIRIS, Michel. *Roussel l'ingénu*. Fata Morgana, 1987, p. 13.

Quando escrevia, Roussel também destacaria as folhas dos cadernos?

Notamos que ele não se preocupava com as margens impressas, visto que as recobria com sua escrita, quer se encontrassem à esquerda ou à direita da página. Vários critérios (marcas de arrancamento, posição da margem, aspectos gráficos) convergem para restituir a seguinte prática: após completar a frente de uma primeira folha, ele a corta cuidadosamente na dobra, apodera-se desta assim liberada no fim do caderno, que ele retorna invertida, e continua a redação no verso desta folha, cuja margem se encontra assim em oposição com a da primeira²¹.

3. DIVISÃO DOS TIPOS DE PAPÉIS

tipos de papel:

Manuscritos	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX
PVF	21	1	71	44	1	16	10	14	—
MI	38	—	10	26	74	45	56	85	9
MII	7	—	1	102	76	29	76	96	31

Roussel colou fragmentos recortados sobre folhas inteiras de cadernos ou de registros. Distinguímos para cada colagem o tipo de fragmento colado daquele do suporte. Assim, quando se compatibiliza todas as ocorrências dos papéis, obtém-se para cada volume um número mais elevado que o total dos fólhos.

Lista de colagens:

PVF: total de 178 ocorrências das quais 1 colagem: fólho 94 de tipo IV sobre V = 177 fólhos.

21. O fato se confirma pela alternância das margens superiores e inferiores, menos perceptíveis que aquela da margem lateral; se ele arranca duas duplas folhas de uma vez, encontramos duas folhas "direitas" seguidas de duas "avessas". Para os tipos VII e VIII, cuja filigrana está orientada verticalmente, é fácil notar esta alternância das folhas utilizadas "no direito" (escritas no anverso: margem à esquerda, respectivamente cabeça e machado para o alto) ou "no avesso" (escritas no verso: margem direita, cabeça invertida e machados para baixo).

MI: total de 343 ocorrências das quais 4 colagens: fólhos 300 e 302 de tipo I sobre V, fólhos 326 e 328 de tipo VIII sobre I = 339 fólhos.

MII: total de 418 ocorrências das quais 19 colagens: fólhos 5, 7, 8, 137, 139, 141, 142, 146, 171, 176, de tipo IV sobre V, fólhos 19, 286, 288, 391, de tipo V sobre V, fólhos 87, 89, de tipo VII sobre V, fólhos 370, 371, de tipo VIII sobre V = 399 fólhos.

Este uso elaborado de um suporte de escrita, em suma, banal, evidencia dois temas arquetípicos do imaginário rousseliano: o duplo, o avesso e o direito²². O gesto assim reconstituído bem parece resistir ao exame crítico: após ter rasgado uma folha dupla, Roussel retorna mecanicamente à segunda folha destacada do fim do caderno, antes de completar o verso. Um tal uso dos cadernos — suporte funcional ligado à continuidade — é paradoxal no sentido em que Roussel os fragmenta para escrever textos contínuos: porém, não seria para melhor entrecortar aqueles de outras seqüências textuais²³?

Aliás, esta prática de escrita converge para uma outra observação sobre o emprego dos papéis: cada um dos tipos tem uma função particular na elaboração do texto. Roussel os utiliza de maneira metódica, reservando, por exemplo, um para a narração e para a descrição de uma anedota, outro para as intervenções de um personagem particular no seio da narrativa. Se Roussel tinha previamente desmembrado os cadernos para só usar folhas avulsas, os diversos tipos de papel estariam misturados no curso da gênese e nada nos permitiria constatar entre eles uma divisão lógica²⁴. Concluimos disto, que Roussel escreve nos cadernos que ele fragmenta na medida em que vai redigindo.

22. A vida de Raymond Roussel era, aliás, ordenada segundo regras estritas, e notadamente, sua prática da escrita: "Segundo a senhora Dufrène, Roussel escrevia de manhã, durante três horas em média, começando e terminando em horas determinadas, tal como um empregado em seu escritório". Michel Leiris, "Documents sur Raymond Roussel", *ibidem*, p. 16.

23. Cf.: HAY, L. "L'amont de l'écriture". *Carnets d'écrivains*, 1, CNRS Éditions, 1990, p.9.

24. Conservaria Roussel as capas dos cadernos, a fim de reunir em diferentes dossiês as folhas antes destacadas? Constatamos a ausência deste elemento capital no *corpus* dos manuscritos.

Seqüência 1: O encontro entre os náufragos e os indígenas

(MII e PVF = 19 fólhos. Tipo de papel por ordem de uso: I, III, IV).

MII: 20, PVF: 73 a 76 (tipo I), 77 a 79 (tipo III), 80, 81, 82 (tipo I), 83, 84, 85 e 86 (tipo I), 87, 88, 89 (tipo I).

O fólho 89 contém uma nota de remissão: "(ver página)" que se refere ao fólho 158 de MII (tipo I), depois uma *contre-réclame* que remete ao fólho 90: "encerra esta primeira audiência".

Seqüência 2: A visita de Lossion

(MII e PVF = 53 fólhos. Tipo de papel dominante: IV)²⁵

PVF: 90-93, MII: 65 a 69, 71 a 77, 106, 107, 110, PVF: 72, MII: 134 a 137, 139 a 141, PVF: 94 a 97, MII: 146, 142, 144, PVF: 98, 99, 100 (tipo IV), MII: 150, PVF: 101 (tipo VI), MII: 151, 152, PVF: 102 (tipo VI), 103 a 105, 106 (tipo VI), MII: 153, 154, PVF: 107 a 110 (tipo VI), 111.

Seqüência 3:

(MII e PVF = 73 fólhos. Tipo de papel dominante: IV).

PVF: 112 (tipo III)²⁶, MII: 160 (tipo III), 161, 165, 166, 162, 163, 164, 167, PVF: 114, 115, MII: 168 a 171, 176 a 186, 216 a 224, PVF: 113, MII: 292 a 303, 324, PVF: 116, 117, 118 (tipo VII), MII: 329 (tipo VII), 335, 362, 356, 358 a 361, 365, 382 a 384, PVF: 119, 120, MII: 386 a 388, PVF: 121, MII: 394, PVF: 122 (tipo VII), MII 395.

25. Esta estrutura narrativa aparece como a transposição de um fato autêntico: a viagem realizada por Raymond Roussel ao Vale do Nilo, em novembro-dezembro de 1906. Ausente de *Impressions d'Afrique*, esta seqüência prefigura a visita ao parque de Montmorency em *Locus Solus*. Aliás, certos elementos de *Impressions d'Afrique* que acreditávamos imaginários se revelaram como sutis transposições de lembranças, das quais algumas delas estão no Caderno do Egito (caderno de notas tomadas no Egito em novembro-dezembro de 1906 [mf 3024 4933] citado por François Caradec em "Images, visages et voyages de Raymond Roussel", na *Revue de la Bibliothèque nationale*, nº 43, 1992, p.24).

26. O fólho 112, numerado "1" incita-nos a pensar que estamos diante do começo de uma seqüência. A continuidade entre os fólhos 112 de PVF e 160 de MII confirma-se pelos datiloscritos preparatórios (Roussel 27, fólhos 73 e 75).

Seqüência 4: A cerimônia dos Incomparáveis.

(MI e PVF = 50 fólhos. Tipo de papel dominante: IV).

MI: 1, 2, 3, 11, 29, PVF: 123, MI: 30-33, PVF: 125, 126 (tipo VI), 127-8, MI: 35-39, PVF: 129, 130, MI: 43, 44 (tipo VII), 45-8, PVF: 131-2, 133-6 (tipo VII), MI: 66, 67, PVF: 137-8 (tipo I), MI: 68, 69, PVF: 139-46, MI: 74, 78, 79.

Seqüência 5: A seqüência da cerimônia.

(MI e PVF = 37 fólhos. Tipo de papel dominante: VI).

MI: 81, 133-5, PVF: 149, 150 (tipo III), 151, MI: 138-41, 173, 174, PVF: 154, MI: 182-9, PVF: 155, MI: 201-4, 235-8, 305-8, 338, 339.

AS SEQÜÊNCIAS CONTÍNUAS

Consideramos no curso deste trabalho a função predominante dos papéis IV e VI, suportes de longas seqüências de texto²⁷. Se seguirmos desde então as ocorrências de um mesmo tipo de papel, passando de um volume a outro, descobriremos a existência de um texto seguido: todos os fólhos de tipo IV de MII, juntos a certos fragmentos encadernados em PVF, formam duas seqüências; da mesma maneira em MI, todas as ocorrências de tipo IV e VI oferecem duas seqüências narrativas contínuas. A seqüência 1 é um caso particular, no qual o tipo IV, inicialmente utilizado para acréscimos tornam-se num segundo momento o suporte de

27. Reagrupamos aqui todos as ocorrências dos tipos de papéis IV e VI. Elas se repartiam entre as seqüências, das quais damos detalhes da ordem de leitura (ver quadro 145-147). "*" indica colagem.

PVF tipo IV: 71,72, 80, 81, 83, 84, 85, 88, 90-94*, 95-97, 103-105, 111, 113-117, 119-121, 123, 125, 127-132, 139-146. Tipo VI: 98-102, 106-110, 124, 126, 149, 151, 154, 155.

MI tipo IV: 1-3, 11, 29-33, 43, 45-48, 66-69, 74, 78, 79. Tipo VI: 9, 10, 24-28, 81, 133-145, 173, 174, 182-189, 201-204, 235-238, 305-308, 338, 339.

MII tipo IV: 2-5*, 6, 7*, 8*, 9-11, 18, 20, 65-69, 71-77, 106, 107, 110, 134-137*, 139*, 140, 141*, 142*, 144, 146*, 150-151-154, 161-171*, 176*-186, 216-224, 292-303, 324, 335, 356, 358-362, 365, 382-384, 386-388, 394, 395. As folhas 2 a 20 de MII formam uma primeira versão da lista de passageiros (começo do capítulo X), retomada nos datiloscritos preparatórios.

uma longa narrativa. Em compensação, as seqüências 2, 3 e 4 são regularmente escritas sobre um papel de tipo IV²⁸. Este uso seguido do mesmo tipo de papel se interrompe no fólho 79 de MI. Porém, o texto prossegue regularmente sobre o papel de tipo VI a partir do fólho 81 de MI (seqüência 5). É um caso em que a continuidade textual é corroborada pelas duas paginações originais²⁹.

Assim, a leitura não deve levar em conta senão certos tipos de papéis para reencontrar a primeira versão manuscrita contínua de *Impressions d'Afrique*. No caso de colagens de fragmentos de tipo IV sobre uma folha de tipo V, por exemplo, só o texto escrito sobre o fragmento será considerado, aquele que aparece sobre o suporte sendo escrito ulteriormente. Com efeito as seqüências narrativas iniciais foram dissimuladas pelas reescrituras superpostas sobre a mesma folha e pelos acréscimos posteriores de folhas de outro tipo. Isto é um fenômeno corrente, observado em numerosos *corpus* romanescos redigidos sobre folhas avulsas.

Se chegarmos a reconstituir a continuidade de um texto redigido em cinco seqüências, que apresentam um primeiro estado do romance, isto significa que a função dos papéis de tipo IV e VI corresponde a uma fase decisiva da gênese. Nós nos situamos, então, no momento da inserção na narrativa de elementos textuais até aqui esparsos. Cada folha deve ser submetida a um deciframento específico se quisermos reencontrar no emaranhado de campanhas de escrita, o estado mais antigo. Ora Roussel, que não deixa nenhuma margem, escreve saltando sistematicamente uma linha da pauta impressa, o que lhe permite fazer correções e acréscimos na interlinha assim criada. Importa então ler o texto escrito em dupla interlinha, omitindo as modificações feitas no espaço das interlinhas.

28. A extensão das seqüências, revelada unicamente por nossa análises codicológicas, mostrará que nos situamos no estágio da inserção, na narrativa, e não somente naquele das curtas seqüências autônomas.

29. O fólho 79 está paginado como "56" no alto ao centro da folha e "80" abaixo à esquerda, o fólho 81 está paginado como "57" e "81" nos mesmos lugares.

Existem dois tipos de relações entre as folhas encadernadas em volumes diferentes: a continuidade ou a inclusão. No primeiro caso, para reencontrar uma continuidade entre duas folhas separadas, utilizamos indícios lingüísticos, materiais e gráficos. Reunimos parágrafos cindidos, frases interrompidas no fim de uma folha, palavras cortadas na mudança de folha³⁰. Quando todo o liame textual explícito está ausente para reunir dois fragmentos de texto escrito sobre o mesmo tipo de papel, nós nos servimos de indicações materiais tais como o instrumento de escrita e o traço. Graças ao recorte, reconstituímos páginas inteiras a partir de fragmentos³¹.

Os marcadores gráficos, isto é, todos os outros traços além das palavras, servem, às vezes, para restabelecer a continuidade do texto. No caso das paginações, são levados em conta não somente a sucessão numérica, como também a posição sobre a página, o *ductus* e o instrumento de escrita utilizado. Tais observações permitem confirmar que no momento da gênese do romance que nos interessa, a segunda parte do romance se apresenta antes da primeira. O último fólio de MII está paginado "167", no alto à direita e o primeiro fólio traz a cifra "168" na mesma posição. Em oposição, um outro exemplo mostra que a paginação não é sempre suficiente: o texto prossegue do fólio 186 ao 216 de MII, ora as paginações originais não se seguem. Aliás, certos fólios não estão paginados, notadamente no caso dos fragmentados colados (ver o caso citado, nota 30).

De outra parte, vários sinais de remissão traçados por Roussel permitem reinstaurar uma relação entre os fólios. Estas são de *contre-réclames*³², cifras entre parênteses, siglas ou letras. Os

30. Citaremos como exemplo a expressão "*é/trottement collées*", cortada após a primeira sílaba, e separada entre o fólio 48 de MI, e o fólio 131 de PVF.

31. Os dois fragmentos de tipo IV colados cada um sobre folhas de tipo V, hoje indicadas 141 (MI) e 94 (PVF) formam originalmente uma mesma folha que, uma vez recomposta, foi cortada em duas partes coladas sobre suportes diferentes. O fólio 94 não traz nenhuma paginação original, esta reconstituição não teria sido possível referindo-se somente às paginações.

32. Termo que designa a retomada das últimas palavras de uma folha no alto da folha seguinte ("*reclame*", a retomada do grupo inicial de palavras em baixo da folha precedente). Cf. D. Muzelle, obra citada na nota 1.

mais freqüentes indicam que uma passagem deve ser integrada numa folha. Assim “:+: (KR)” traçado sobre o fólho 122 de PVF indica que ele deve ser inserido no fólho 349 de MII, em que figuram os mesmos sinais (ver o fim da seqüência 3). No curso de nossa investigação, reinsertamos abstratamente o conjunto dos fragmentos rejeitados em MI e MII, nos valendo de tais indícios. Sobre as 89 folhas colocadas de lado, 37 se inserem em MI, 52 em MII³³.

Notamos que a continuidade dos tipos IV e VI se opõem ao estatuto dos outros tipos de papel (isto é, os papéis I, II, III, V, VII, VIII, IX), suportes de seqüências autônomas, inseridas ulteriormente na primeira versão de *Impressions d'Afrique* que apresentamos. Os tipos I e III são, sobretudo, utilizados pelas curtas seqüências iniciais.

Dentre as cinco seqüências examinadas de MI e MII, somente a seqüência 4 será analisada. Lembremos antes que *Impressions d'Afrique* é constituído de duas partes. Na primeira (capítulos de I a IX), o narrador descreve a cerimônia oferecida por um grupo de europeus aos indígenas que os têm como reféns. Na segunda (capítulos X a XXVI), gigantesco analepse, o narrador conta os preparativos desta cerimônia. Assim, a apresentação da cerimônia precede contraditoriamente a narrativa de sua gênese. Ora, como o indica Annie Angremy, Roussel, certamente, escreveu a gênese da cerimônia (MII) antes de redigir a descrição dela (MI)³⁴.

33. Os fólhos 123, 125 a 146, 149 a 151, 154 a 155 devem ser lidos em correlação com as folhas de tipo IV e VI de MI, os fólhos 72 a 122 com aqueles do tipo IV somente em MI. Dentre as 89 folhas dos fragmentos rejeitados, 79 nos serviram para reconstituir uma versão contínua do romance. As 10 outras, uma vez reinsertadas em seu contexto original, fazem surgir curtas seqüências:

Tipo III: MI: 62, PVF: 147, 148, MI: 75 e: MI 172, PVF: 152, 153, MI: 173.

Tipo IV: MII: 2-4, PVF: 71, MII: 5-11, 18, 20.

Tipo VI: MI: 9, 10, 24-28, PVF: 124.

Tipo VII: MI: 205, PVF: 156, MI: 208, 210, PVF: 157, MI: 218, 219, 222, 224, 226, PVF: 158, 159. Mas nos situamos aqui na etapa seguinte à gênese de *Impressions d'Afrique*, que consiste na inserção de textos escritos sobre os distintos tipos de papéis na versão que apresentamos, etapa que não abordamos aqui.

34. *Revue de la Bibliothèque nationale*, nº 43, 1992, p. 41. Os datiloscritos preparatórios confirmam este determinante fato para a compreensão da macrogênese da obra.

Quando Roussel recomendava ao leitor "não-iniciado" de começar a leitura pelos capítulos X a XXVI para voltar, em seguida, aos capítulos I a IX, ele o convidava de fato a seguir um percurso genético...

Apresentamos nos quadros acima³⁵ a composição destas 3 seqüências.

As 19 folhas que constituem a seqüência 1 apresentam os traços característicos de um começo laborioso, em particular sobre o papel de tipo I: o espaço da página está saturado por reformulações e rasuras³⁶. O papel de tipo IV, empregado para os acréscimos, muda de função nas seqüências seguintes. A redação torna-se nitidamente mais fluida a partir da seqüência 2: esta apresenta uma estrutura narrativa inédita, seguida, na seqüência 3, de uma primeira versão da preparação da cerimônia.

Como no texto impresso, o fim de MII anuncia de maneira elíptica o desenrolar da cerimônia, que conseguimos reconstituir a partir de MI e PVF, lendo exclusivamente as folhas de tipo IV depois de tipo VI. A inserção dos fragmentos em MI permite reconstituir duas longas seqüências. A primeira está escrita sobre o mesmo papel IV (MI, fólio 1-79 com inserções de folhas provenientes de PVF), substituída no fólio 81 pela segunda escrita sobre papel VI (MI, fólio 81-339). Analisamos o conteúdo narrativo da seqüência 4, que apresenta uma versão mais curta dos futuros capítulos I a III do romance. Com efeito, as operações que efetuamos para fazer aparecer esta seqüência são análogas àquelas requeridas para cada um dos capítulos.

Ainda que apresentados na mesma ordem, os espetáculos são aqui menos numerosos que no texto impresso. Eles estão interligados por um intermédio musical interpretado ao piano por Carlotti-Adinolfi. A supressão deste intermédio (como de todo o acompanhamento musical) acentuará o efeito de descontinuidade

35. São indicadas em negrito as folhas que não pertencem ao tipo de papel dominante; para as seqüências 2 a 5, elas trazem em sua maioria breves acréscimos ulteriores (no total 24 fólhos).

36. Apesar dos esforços obstinados, os detalhes sobre o encontro entre os náufragos e os indígenas foram suprimidos do texto definitivo.

entre as passagens. Eis a seqüência narrativa global, resumida em suas principais variantes:

□ **Incipit** (MI f.º 1-3, 11, 29, PVF f.º 123): O lugar dos troféus é ocupado por 3 elementos inéditos: o piano de Carlotti, um camarote real e o *foyer* da dança, tipo de gineceu destinado às esposas do rei.

□ **O cortejo** (MI f.º 30-33, PVF f.º 125-128, MI f.º 35): contrariamente ao texto definitivo, em que a corte forma o cortejo, todos os europeus que possuem um terno são autorizados a tomar parte no desfile. O sacro e o solene aparecem assim intimamente misturados enquanto que serão nitidamente separados no texto definitivo.

□ **O sacro** (MI f.º 36 - 39, PVF f.º 129 - 130): a cerimônia é perturbada por dois acontecimentos que contribuem para o efeito de dessacralização: as reprimendas de Bangoja Talou endereçadas a Rao e a intromissão de Tinglet-Juillard ébrio no *foyer* da dança. A gênese de *Impressions d'Afrique* é caracterizada por uma inversão do burlesco com o sério e do profano com o sacro.

□ **As execuções** (MI f.º 43 - 48, PVF f.º 131 -136): em um primeiro momento, somente a execução do traidor Falou Gaiz-Dûh tem lugar após o sacro. Depois Roussel acrescenta os f.º 133 -136 de PVF (de tipoVII), em que a execução de Garroda-Mossem, que figurava já na seqüência 2, reaparece sob uma forma desenvolvida.

□ **A cerimônia** (MI f.º 66-67, PVF f.º 137-138, MI f.º 68-69, PVF f.º 139-146, MI f.º 74,78,79): como no texto publicado, o espetáculo começa pelo jogo de bola, porém o último arremesso bate com demasiada força na santa lâmpada que voa em pedaços. Segue um exercício com bicicletas. Imitando o jovem Danglès, o rei cai, espalhando o resgate dos naufragos contidos em sua cintura. As passagens dos sábios gatos apresentam numerosos elementos inéditos (PVF f.º 144-146). Um deles contém sem dúvida uma das chaves da gênese de *Impressions d'Afrique*. Sua entrada em cena se efetua em uma pequena charrete puxada por dois *clovisses* [amêijoas em português, espécie de molusco]. A presença dessas conchas deve-se à homonímia com o nome de Clóvis I, rei dos francos, cujo batismo parece estar na origem do

sacro de Talou VII. A santa lâmpada, único traço da lenda do batismo de Clóvis, subsiste no texto definitivo, é a confirmação³⁷.

A seqüência sobre o papel IV prossegue pelas imitações do jovem Danglès-Boucharesses e pelo exercício de Balbet. A partir disso, o papel tipo IV é substituído por um de tipo VI.

Nesta versão inicial, tal como a reconstituímos, Roussel insere ulteriormente seqüências escritas sobre os papéis V, VII, VIII, IX. O processo de encadeamento dessas seqüências demanda por si só uma análise exaustiva, o que não terá lugar neste estudo.

DO "UR-TEXTE" AO HIPERTEXTO

A reconstituição deste que pode ser considerado como um "ur-texte" de *Impressions d'Afrique* oferece novas perspectivas para as pesquisas rousselianas. Reciprocamente, este *corpus* permite estender o campo de investigação da codicologia: a análise minuciosa dos aspectos materiais dos manuscritos nos fornece o movimento próprio da escrita, até nos seus mais secretos gestos.

A descoberta é a princípio de ordem material, mas suas implicações se confirmam como de fundamental importância no esclarecimento da análise genética. Assim, não bastasse o seu caráter repetitivo, o gesto de fragmentação do caderno, tem múltiplas incidências sobre a elaboração do texto. Operações textuais tão abstratas quanto o aprofundamento parecem aqui resultar de manipulações complexas dos suportes de escrita. Roussel confere a seu manuscrito um estatuto resolutamente moderno: o objeto escrito intervém constantemente, enquanto material, no processo de criação. Mede-se a que ponto o caderno, desnaturado por um fracionamento sistemático, é colocado à prova de uma concepção nova da escrita, caracterizada pela ruptura com a linearidade romanesca.

A metódica fragmentação do suporte, tal como aparece ao termo de nosso estudo, dá uma visão precisa dos processos de escrita utilizados, mas a análise destes requer, em nossa opinião, um instrumento de leitura que não esteja submetido à linearidade. Só o hipertexto, ferramenta rousseliana por excelência, estará a altura de restituir a multidimensionalidade do manuscrito.

37. CARROUGES, Michel. *Les machines célibataires*. Éditions du Chêne, 1976, p. 72.